



AS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM BIRIGUI/SP: FORMAÇÃO DOCENTE E METODOLOGIAS

VINÍCIUS FELIPE CARDOSO; HUMBERTO LUÍS DE DEUS INÁCIO

RESUMO

Após a implementação de um novo conteúdo na Educação Física, as Práticas Corporais de Aventura ganharam espaço nos currículos e nas propostas pedagógicas dos Estados do Brasil, incluindo no Estado de São Paulo. Este texto apresenta um ramo da pesquisa de mestrado sobre a implementação desse conteúdo nas escolas estaduais em Birigui/SP. Destaca-se a justificativa da relevância dessas práticas para promover liberdade, bem-estar e contato com a natureza, considerando a necessidade de formação contemporânea para os professores partilhar tal esportes para seus estudantes, visto que sua concretização no currículo é recente. Teve, como objetivo geral, compreender a inserção das Práticas Corporais de Aventura no Currículo Paulista e sua aplicação nas escolas estaduais de Birigui a partir da perspectiva dos professores de Educação Física. Os métodos envolveram uma entrevista semiestruturada com 17 docentes, sendo esta entrevista dividida em 5 categorias. A análise seguiu a proposta de Laurence Bardin. Os resultados desse retrato apontam para desafios na implementação, ressaltando a importância da formação contínua dos professores e a inserção das práticas de aventura como uma tarefa desafiadora. Reconhece-se o potencial dos Esportes de Aventura, no entanto observa-se a limitação na implementação devido a resistências, a falta de recursos e espaços adequados. As metodologias de ensino das práticas de aventura estão vinculadas ao Currículo Paulista, sobretudo atividades teóricas e em sala de aula. Não foram identificadas as abordagens pedagógicas específicas adotadas pelos professores, indicando uma lacuna na compreensão da integração efetiva desses esportes ao ambiente escolar e na promoção de uma aprendizagem significativa para os estudantes.

Palavras-chave: Prática docente; Esportes de Aventura; Currículo Paulista; Educação Física; Escola.

1 INTRODUÇÃO

Na trilha da escola, é comum ouvirmos professores de Educação Física (EF) questionarem qual a finalidade de executar as Práticas Corporais de Aventura (PCAs).se os próprios professores e alunos não as conhecem e, em determinadas circunstâncias, o contexto onde a escola está inserida, não contribui para sua concretude. Essas peculiaridades fazem parte do cotidiano, pois situações conflitantes e exigências diversas se fazem presentes.

O fato de os estudantes desconhecerem e não estarem familiarizados com outras modalidades esportivas que vão além do que é considerado ‘tradicional’, pode gerar surpresa e despertar interesse pela vasta gama de práticas que envolvem a interação do ser humano com a natureza, sobretudo as Esportes de Aventura (MARINHO; INÁCIO, 2007)

Zimmermann (2006) conceitua as PCAs como meios de proporcionar a sensação de liberdade, a sensação de bem-estar e em contato consigo mesmo ao encarar os desafios que a própria natureza oferece, somada ao contato direto com a natureza, promove o encontro de condições favoráveis a uma melhor qualidade de vida. Quando tais práticas foram

implementadas no currículo nacional, a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em 2018, professores foram se aperfeiçoando, produzindo pesquisas e adotando um novo pensar em EF e natureza, concretizando-se as PCAs (INÁCIO, 2021).

Este resumo expandido foi retirado de uma dissertação em andamento, com objetivo de compreender a inserção das PCAs no Currículo Paulista e sua aplicação nas escolas estaduais de Birigui a partir da perspectiva dos professores de EF.

Partindo do pressuposto de metodologias utilizadas em sala-de-aula, traremos os dados que mais se destacaram no uso de métodos que tais docentes utilizam em suas aulas para ofertar as PCAs em seus diversos contextos.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Foi realizada uma entrevista semiestruturada com 17 docentes de EF da rede estadual paulista em Birigui. De antemão, as questões norteadoras das entrevistas foram divididas em cinco categorias, sendo realizadas foram testadas a partir de uma pesquisa piloto, de acordo com Thomas *et al.* (2012), com outros 6 docentes. Estas categorias se intitularam como: 1. Perfil do professor (a); 2. Formação acadêmica; 3. Formação do docente com as PCAs; 4. Atuação do docente com as PCAs; 5. Opinião do docente sobre as PCAs na EF Escolar.

Foi utilizado o Gravador e Reprodutor de Voz – Sony Digital Voice Recorder – ICD-PX240 para gravar a entrevista, as quais, posteriormente, transcritas ao *Google Forms*. Para a análise dos dados, utilizou-se a proposta de Bardin (2015).

Para a análise dos dados, foi utilizada a proposta de Laurence Bardin (2015), a qual se constitui de etapas essenciais para o êxito do processo, propondo uma triangulação entre os dados coletados, os dados observados e o que se dispõe nos documentos e literatura. As diferentes fases da Análise de Conteúdo, organizam-se em torno de três polos cronológicos: 1. A Pré-Análise/organização da análise; 2. A exploração do material; 3. O tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

A seguir traremos o exposto da pesquisa ao que tange às perguntas sobre o conceito de aventura, as metodologias, os materiais que utilizam, as PCAs que executam e possíveis dificuldades em seus contextos, inseridas na 4ª e 5ª categoria de análise (1. Qual seu conceito sobre ‘aventura’? 2. Você se baseia em alguma proposta metodológica para o ensino das PCAs? 3. Há materiais/instrumentos para essa prática? 4. Quais dificuldades enfrena na operacionalização das PCAs?).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para os professores, a “aventura” está relacionada ao bem-estar, a sensação de liberdade, à superação de limites, à busca de emoções que em inúmeras vezes não são caracterizadas nos esportes tradicionais, bem como o encontro do ser humano com o Meio Ambiente. Os esportes praticados por eles foram o Parkour, a Bike, o arvorismo e o slackline. Durante a vida acadêmica e pessoal, observamos que 12 docentes não tiveram contato com os esportes de aventura e outros 5 o tiveram. Todos eles confirmam que uma disciplina na faculdade deveria abordar esta temática, pois a partir do momento em que as PCAs estão no Currículo Paulista – material de apoio do professor e dos alunos no Estado de São Paulo –, para serem executadas nas aulas de EF, deveriam ter conhecimentos sobre este grupo de esportes.

Percebemos que há dificuldades para implementação das PCAs na escola, na qual está intrinsicamente ligada a falta de materiais, formação continuada, locais apropriados e aceitação da comunidade. Por outro lado, alguns estudos apontam que o profissional de EF que, em certa medida e por meio do currículo – BNCC – deva fornecer subsídios para os estudantes ter o mínimo de contato com a prática dos Esportes de Aventura (FRANCO *et al.*, 2011;

ARMBRUST; SILVA, 2012; TAHARA; CARNICELLI FILHO, 2013; TAHARA; DARIDO, 2019).

Quando perguntados sobre o uso de materiais e/ou instrumentos para suas práticas, comprovou-se que as escolas estaduais estão carentes de materiais para a prática das PCAs; há poucos espaços que são “apropriados” para os esportes de aventura; pouca adesão por parte da comunidade escolar (professores, gestores e estudantes) sobre essa temática; a formação profissional está relacionada à vivências e experiências e, em grande parte, por meio do currículo, no qual há resistência por parte dos docentes. Em algumas ocasiões, os materiais são alternativos, construídos pelo próprio docente e pelos próprios estudantes.

No tocante à quarta categoria, as PCAs executadas nas aulas foram a Corrida de orientação, o Parkour, o surfe, o skate e a escalada. A proposta metodológica para o ensino das PCAs está relacionada ao material Currículo em Ação (Currículo Paulista) no Ensino Fundamental, CMSP e ao MAPPA, este último exclusivamente para o Ensino Médio, sendo mais comum acontecerem dentro da sala de aula (de forma teórica) e poucas concretizadas em sua prática. Não identificamos quais abordagens e quais caminhos pedagógicos os professores tecem para alcançar o objetivo de levar os estudantes a experimentar e fruir as PCAs em suas aulas, isto é, se utilizam as abordagens ou concepções Fenomenológica, Sociológica, Cultural, Desenvolvimentista, Construtivista, Crítico-Emancipatório, Plural ou da Crítico-Superadora.

Este conhecimento sobre as abordagens de ensino na EF proporciona aos professores uma base sólida para criar experiências de aprendizado significativas, promovendo o desenvolvimento integral dos alunos e a formação de cidadãos ativos e conscientes. A escolha da abordagem pedagógica depende de diversos fatores, como os objetivos da instituição de ensino, o perfil dos alunos, as condições de infraestrutura disponíveis e as concepções educacionais do professor.

Em suma, observamos algumas razões para que tais docentes não se familiarizem com essas abordagens, possivelmente pela formação inicial limitada, baixa adequação e atualização profissional, por conta da cultura educacional e limitações institucionais, pela ênfase exaustiva em resultados e, por fim, a inércia profissional. Este último associa-se ao costume de práticas específicas ao longo de suas carreiras e podem ser relutantes em explorar novas abordagens, especialmente se não perceberem uma necessidade imediata de mudança.

Ao perceber que estes professores não compreendem quais abordagens e metodologias utilizam em suas aulas, podemos considerar que continuam a reproduzir uma EF menos crítica e menos emancipatória ao que Kunz (2004) propõe à transformação do esporte e uma dispersão do currículo moldado pelos professores (SACRISTÁN, 2000).

4 CONCLUSÃO

Tomando por base os resultados encontrados neste fragmento, é possível concluir que as implementações das PCAs nas escolas enfrentam diversos desafios relacionados à falta de espaços apropriados, materiais, adesão da comunidade escolar e formação docente. No entanto, reconhece-se o potencial dos Esportes de Aventura para promover uma compreensão crítica da relação entre ser humano e natureza, proporcionando aos alunos experiências que destacam a responsabilidade e o prazer de usufruir do espaço natural.

A falta de materiais, formação continuada e locais apropriados, juntamente com a resistência da comunidade escolar, são apontadas como dificuldades para a implementação efetiva desses esportes na escola. A formação profissional dos docentes em Esportes de Aventura é considerada insuficiente, no caso dos professores que não tiveram contato com essas práticas durante sua formação.

A proposta metodológica está relacionada ao Currículo Paulista, sendo mais comum acontecerem atividades teóricas dentro da sala de aula. No entanto, não foi possível identificar

quais abordagens pedagógicas específicas adotadas pelos professores.

Percebeu-se que o conteúdo referente às PCAs é pouco tratado nas escolas estaduais em Birigui/SP, mesmo presente no currículo paulista e na BNCC (BRASIL, 2017). Sabendo das dificuldades de implementação, neste momento trago a reflexão sobre a formação continuada e acadêmica dos docentes, pois é necessário aprimorar os conteúdos e os benefícios de trabalhar os esportes de aventura nas aulas de EF. Sugerimos para professores de EF, a buscar livros, artigos, vídeos, palestras, congressos e outros meios de formação para que compreendam os benefícios sociais, motrizes, cognitivos e criativos que tais práticas de aventura proporcionam, não somente aos estudantes, mas para os próprios professores, ao ensino de qualidade e contemporâneo.

Em síntese, a formação docente nas PCAs é considerada um ponto crítico para a efetiva implementação dessas práticas nas escolas, sendo necessário superar desafios relacionados à resistência, falta de recursos e espaços adequados. A abordagem pedagógica utilizada pelos professores não é claramente delineada, indicando uma lacuna na compreensão sobre como essas práticas são efetivamente integradas ao ambiente escolar e sobre a aprendizagem significativa aos estudantes.

REFERÊNCIAS

ARMBRUST, I.; SILVA, S. A. P. S. Pluralidade Cultural: os esportes radicais na Educação Física Escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 281-300, 2012.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 1ª. ed. São Paulo: Edições 70, v. 1, 2015. 288 p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017

FRANCO, L. C. P. *et al.* Atividades Físicas de Aventura: Proposta de um Conteúdo na Educação Física Escolar no Ensino Fundamental. **Arquivos em Movimento**, v. 7, n. 2, p. 18-35, 2011.

INÁCIO, H. L. D. Proposta de classificação das práticas corporais de aventura para o ensino na educação física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte [online]**, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/rbce.43.e005321>. Acesso em: 6 jan 2022.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 6ª. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2004.

MARINHO, A.; INÁCIO, H. L. D. Educação Física, Meio Ambiente e Aventura: um percurso por vias instigantes. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 3, p. 55-70, mai 2007. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/23/30>. Acesso em: 12 jul 2022

SACRISTÁN, J. G. **O Currículo**: uma reflexão sobre a prática. Porto Alegre: Artmed, 2000.

TAHARA, A. K.; CARNICELLI FILHO, S. A presença das atividades de aventura nas aulas de Educação Física. **Arquivos de Ciências do Esporte**, v. 1, n. 1, p. 60-66, 2013.

TAHARA, A. K.; DARIDO, S. C. Diagnóstico sobre a abordagem das Práticas Corporais de Aventura em aulas de Educação Física Escolar em Ilhéus/BA. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 4, p. 973-986, 2019.

THOMAS, J. R. *et al.* **Métodos de pesquisa em atividade física [recurso eletrônico]**.

Tradução de Ricardo Demétrio de Souza Petersen. 6^a. ed. Porto Alegre: Artmed, v. 2, 2012.

ZIMMERMANN, A. C. Atividades de aventura e qualidade de vida. Um estudo sobre a aventura, o esporte e o ambiente na Ilha de Santa Catarina. **Revista Digital - EF Desportes**, Buenos Aires, n. 93, 2006. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd93/sc.htm>. Acesso em: 16 ago 2022.